

# MADRE FRANCISCA E SUA FUNDAÇÃO



**MADRE FRANCISCA  
ANTÔNIA LAMPEL  
E A SUA  
FUNDAÇÃO**

**Ir. Dra. Amábilis Solar**

**Autora**

**Araraquara/Setembro/91**





**Foto: Irmã Dra. Amábilis Solar (autora desse livro) diante do túmulo de Madre Francisca Lampel na Casa Mãe. (Áustria)**



## MADRE FRANCISCA ANTÔNIA LAMPEL E A SUA FUNDAÇÃO

de autoria da Ir. Dra. Amábilis Solar

### Prefácio

Espera-se do historiador, que a sua obra seja escrita, "sine ira et studio", de modo concreto e sem tomar partido no seu íntimo. Se for assim, agradeço a Deus não ser historiadora - pois, do contrário, não poderia ter escrito o presente trabalho histórico. Pois que me pus à obra com muito amor e reverência - e assim mesmo sempre busquei a verdade. Tudo o que aparece nestas páginas, tirei-o de fontes verdadeiras. Vasculhei a Crônica e o Arquivo da Casa-Mãe, estudei o Arquivo Diocesano de Graz. Não é de se admirar que entre os escombros do Arquivo Diocesano, destruído por bombas, se achasse intacta a caixa com todos os documentos concernentes à nossa Congregação? Nenhuma folha faltava.

Tive à mão cartas ainda não publicadas, bem como cópias e esboços. Estudei as biografias dos dois grandes bispos em questão (Frh. v. Oer escreveu a biografia de D. Zwerger - do bispo D.R.S. Zängerle havia o livro do Dr. P. Bonifatius Sentzer e do prof. Gustav Wintersberger, da Editora Fel. Rauch, Innsbruck, Alois Schlör é o autor de uma pequena história da Fundação das Irmãs das Escolas Cristãs de Graz, escrita em 1843).

Talvez interesse saber como cheguei a escrever este trabalho. Toda vez ficava intrigada ao ouvir dizer que nossa Congregação tinha fundador, mas não tinha uma fundadora. E, quando eu mesma, perguntada, não sabia outra resposta, havia um sorriso cético.

Como será possível um Bispo sozinho fundar uma Congregação feminina? Ao retorquir eu, de minha parte, com esta pergunta, seguiu-se um silêncio encabulado. Despontou daí em mim o desejo de ulteriores pesquisas, tão logo tivesse ocasião para tanto. Esta surgiu, no verão de 1949, por ocasião de minha estadia na Casa-Mãe. Pedi para ver a Crônica e nela me aprofundei até os olhos arderem. Nova imagem se formou em mim: aquilo que à surdina se chamava traição e



deserção se me afigurou como sofrimento inaudito, verdadeira tragédia e sacrifício sobre-humano...

Por ora tinha então outros cuidados. Devia conseguir uma moradia comum para as Irmãs da França, espalhadas em cinco núcleos bastante distantes um do outro. Além disso precisávamos de um capelão para o Noviciado, recém-instalado.

Tendo em mente a imagem emocionante da "primeira Superiora", assim como a conhecia pela Crônica, disse com simplicidade infantil: "Madre Francisca, se me ajudar a conseguir uma Casa para as Irmãs da França, inclusive o capelão, eu trarei à luz sua história". De volta à França encontrei sobre a minha escrivainha duas cartas. Na primeira, o Arcipreste de Morestel, Francisco Vacher, oferecia uma casa e, na segunda, o Pe. Pierre Trainard comunicava ter-se aposentado e ter sido aconselhado pelo Bispo de Grenoble a dirigir-se a nós. Ambas as coisas, a casa e o sacerdote, eram realmente uma graça de Deus, como o futuro mostrou. Destarte sentia-me presa à palavra dada. Como primeiro passo, no sentido do cumprimento da promessa, considerei a circular mandada a todas as Irmãs pela Madre Gertrudes Kapfer por ocasião do centenário da morte da Madre Francisca, celebrada no dia 28 de maio de 1951.

Isso não bastava. A figura de nossa Fundadora deveria aparecer mais nítida diante dos olhos das Irmãs. Seguiram-se ulteriores pesquisas na Crônica e no Arquivo do Generalato e, eis o resultado: uma peça teatral versando sobre a vida da nossa Fundadora, desde o dia de sua eleição até a morte. Noviças e Irmãs jovens levaram-na em cena diante da Comunidade religiosa, por ocasião dos festejos do centenário na Casa-Mãe, no verão de 1955. As Irmãs, em seguida, levantaram perguntas sobre a posterior evolução da Congregação. Recebi então do Capítulo Geral a incumbência de escrever a história da Congregação. Fui dispensada, por um ano, do ensino escolar, e logo me pus à procura de novas fontes. Hoje, decorridos 12 anos, reli este trabalho. Cortei alguma coisa e completei até nossos dias. Para a história recente tive como fonte testemunhas auriculares e visuais. Muita coisa eu mesma presenciei.

Procurei desincumbir-me de minha tarefa, não friamente e sem emoção, não "sine ira et studio", mas impelida pelo amor agradecido à Fundadora e pelo amor à Verdade.

Ir. Amábilis Solar  
Autora





Dom Romano Sebastião Zängerle  
Bispo-Príncipe da Diocese de  
**Graz - Seckau**



## O BISPO - FUNDADOR

Desde o início a Igreja da Alemanha estava ligada à nobreza. Isto também repercutiu em nosso país, embora aí as condições não fossem de todo as mesmas. Até os últimos tempos os bispos eram, na maioria das vezes, da nobreza, embora houvesse exceções. Daí compreendemos a recusa que o Côn. Romano Sebastião Zängerle fez ao Arcebispo de Salzburgo, D. Gruber, quando este lhe ofereceu o bispado de Seckau, argumentando com o fato de não ser da nobreza.

Sem dúvida, não era descendente da nobreza o filho do fabricante de sabão, João Nepomuceno Zängerle. Este último, natural de Ischgl, no Tirol, ainda jovem havia emigrado para a Baviera. Aí, em Oberkirchberg (distante 12km de Ulm), abriu uma fábrica de sabão, construiu uma casa para si e casou-se em seguida. Não foi da nobreza, porém foi um artesão e negociante honesto e bom cristão. Sua esposa Elisabeth, nascida em Brotam, era casada em primeiras núpcias com o dono da hospedaria "Adler" de Unterkirchberg, Thomas Tangel. Ficando viúva casou-se novamente com J. N. Zängerle no dia 26 de janeiro de 1758. Deste matrimônio nasceram sete filhos e três filhas. Três dos filhos, os mais novos, entraram no convento beneditino de Wiblingen. Eram eles: Bernardo, nascido em 1769 e falecido como Pe. Werner no Mosteiro de Wiblingen em 1801; Sebastião, nascido em 20 de janeiro de 1771 e Francisco Xavier, nascido em 1772. O nome religioso deste último era Pe. Meinrado e faleceu em 1804, no seu mosteiro. Somente Sebastião sobreviveu à supressão do Convento em 1806.

À semelhança dos irmãos, também Sebastião fizera seus estudos secundários no ginásio beneditino de Wiblingen. Já com 17 anos fez o exame, chamado "Matura", e prontamente foi aceito no Mosteiro como noviço. Juntamente com ele recebeu o Escapulário Beneditino o seu amigo e colega de estudos Ziegler, que na Ordem chamou-se de Gregório, e, Sebastião recebera o nome de Romano.

Os estudos teológicos, após o noviciado, fê-los Fr. Romano junto com seu irmão mais velho, Fr. Werner, e com Fr. Gregório Ziegler. Tais estudos foram feitos em ensino particular no Mosteiro, o que já era permitido de novo, e não nos Seminários Gerais, introduzidos



por José II (e que exerciam influência bastante negativa nos candidatos). Antes da Ordenação Sacerdotal teve que prestar exame oficial no Liceu de Constança, em companhia de Fr. Werner e de Ziegler. Obteve a nota mais alta. Os dois últimos foram ordenados padres dois dias depois, enquanto Fr. Romano tivera de aguardar a necessária dispensa por faltar a idade requerida. No dia 27 de outubro do mesmo ano podia participar como diácono na missa da Profissão de seu irmão mais novo, sendo pregador o Pe. Werner. Afinal, no dia 21 de dezembro, também Romano recebeu as Ordens Sacras do Presbiterato.

O jovem e talentoso monge exerceu, primeiramente, o cargo de professor no ginásio do Mosteiro. Em 1798 foi nomeado Mestre de Noviços, tendo sido, pouco depois, transferido para o Mosteiro de Mehnerau com os cargos de professor e Mestre de Noviços. Teve que empreender aí dura luta contra o relaxamento na disciplina, que o Josefismo, mediante os Seminários Gerais, conseguira infiltrar também nos Mosteiros beneditinos. Chamado a ser professor universitário em Salzburgo, começou aí seus trabalhos acadêmicos em 1803, continuando os mesmos em Cracóvia e, depois, em Praga, até 1813. Neste ínterim, a Casa-Mãe de Wiblingen tinha sido supressa e os monges mudados para Tiniez.

Em 1813 foi nomeado professor catedrático de Exegese, em Viena. Recebeu aí também a dignidade de cônego e, assim parecia ter atingido o ápice de sua carreira. A nomeação para Bispo-Príncipe de Seckau causou-lhe surpresa e sobressalto, tanto mais que sabia da oposição de muitos contra um bispo "burguês". O arcebispo D. Grauber, no entanto, não se deixou abalar na sua decisão e também o Imperador declarou ser bem possível a ele dar o título de príncipe a um bispo, sendo-lhe, porém, impossível fazer de um príncipe um bom bispo. E assim Dom R.S. Zängerle tomou posse de sua nova sede, no dia 26 de outubro de 1824, tendo antes sido sagrado bispo na Catedral de Salzburgo, no dia 12 de setembro.

Sua tarefa de administrar duas dioceses não foi fácil. José II tinha erigido o bispado de Leoben, que teve, porém, um único bispo. Depois da morte deste, a administração da diocese passou para o Bispo de Seckau, com o título de Administrador, até que, em 1859, por ocasião de novo ajuste dos limites diocesanos, este bispado passou de todo para o de Seckau.

Em toda parte, no povo e no clero, as devastações do Josefismo estavam presentes. O antigo Beneditino e piedoso Professor



---

não estava com vontade de ficar inativo diante disso. Bem ao contrário: tornou-se ele o grande Reformador da Estíria, empenhando-se sinceramente em extirpar, com prudência e zelo esclarecido, a influência perniciosa que a era anterior deixara na sua diocese. Não achando, de imediato, apoio entre o clero, dedicou-se seriamente ao melhoramento espiritual dos Mosteiros.

O Bispo-príncipe D. Zängerle é tido também como Fundador das Irmãs das Escolas. Sem dúvida, muito contribuiu para a sua fundação, amparando-a com sua autoridade de bispo e cuidando dela como pai. Contudo, não é ele o próprio autor do Instituto, nem lhe imprimiu o seu espírito. O que, entre outras, é provado por um documento do Arquivo da diocese de Graz, documento que vamos trazer na íntegra. Pois aí teremos a resposta sobre quem é o fundador e qual o espírito que presidiu à fundação do Instituto.

Trata-se de um manuscrito de próprio punho da srta. Antônia Lampel, irmã da candidata Amália Lampel, falecida em Munique. Pede ela, aí, ao sr. Bispo, providências necessárias para dar à sua pequena comunidade o caráter de Comunidade religiosa regular, visto já terem, há tempo, vivido a Regra da Ordem III de São Francisco, em espírito de pobreza voluntária. Indica, outrossim, detalhadamente os pontos básicos, que ela julga necessários à esta Comunidade. O Bispo, como já foi dito, acedeu de bom grado a este desejo. Escreveu ele próprio os Estatutos, tomando simplesmente a Regra da Ordem III, adaptando-a aos desejos de Antônia. Deu igualmente os passos decisivos para conseguir a aprovação eclesiástica e civil. E, quando o governo civil da Província pediu maiores informações sobre o projetado Instituto, não é ele que responde, mas deixou este encargo à Antônia Lampel.

Estes dois documentos provam cabalmente ser Antônia Lampel quem deu forma e conteúdo ao Instituto das Irmãs das Escolas em Graz, dando-lhe, portanto, padrão e forma.

Circunstâncias especiais fizeram com que este fato fosse por longo tempo, preterido. Com isso não se quer diminuir o merecimento do Bispo. Ele, até a morte, mostrou-se fiel protetor e defensor, cabendo-lhe nosso sincero reconhecimento.



## Antonia Lampel – Irmã Francisca - Fundadora



### Quem foi Antônia Lampel?

Os Cônegos Regulares Agostinianos do Mosteiro Pöllau possuíam uma fazenda em Fürstenfeld, à pouca distância da cidade, onde, às vezes, passavam o verão. Por ocasião da supressão do Mosteiro, em virtude das leis Josefinas, essa fazenda passou às mãos do Estado, bem como o Castelo Welsdorf, também em Fürstenfeld. Este





**WELSDORF - FÜRSTENFELD**



último fora arrendado a um certo sr. Jorge Kellner, logo no início do século. A fazenda ficara sob a administração de Antônio Lampel, já nos tempos dos Agostinianos. Depois da desapropriação pelo Estado, ele ficara primeiro como administrador, até que, enfim, tomou arrendada toda a fazenda. Antônio Lampel não era natural de Fürstenfeld. Ao julgar pelo nome, deveria ter imigrado da Província vizinha do Burgenland. Aos 13 de fevereiro de 1806 tomou por esposa a Antônia Kellner, filha de Jorge Kellner, do mencionado Castelo Weisdorf. Ela contava apenas 20 anos, dez anos menos que seu marido. O matrimônio foi ricamente abençoado com numerosa prole. Antônia Maria, ao nascer em 28 de agosto de 1807, já encontrara uma irmãzinha: Guilhermina. Depois veio Patrícia e, como quarta menina, Amália, aos 7 de julho de 1810. Depois vieram os seguintes filhos-homens: Henrique, nascido em 12 de agosto de 1811; Carlos, nascido em 28 de outubro de 1812; Heriberto, nascido em 27 de fevereiro de 1814 e, José, nascido em 21 de setembro de 1815. Os padrinhos dos primeiros seis filhos eram da família Englhofer. A madrinha de Antônia era a "donzela Maria Englhoferin, filha de um cidadão de Leoben"; os demais tiveram por madrinha a "sra. Maria Englhoferin", "outrora arrendatária duma fazenda daqui", ou, respectivamente, tiveram como padrinho o sr. Francisco Englhofer. Os dois últimos filhos, porém, tiveram como padrinhos o casal Christophel, administrador de uma fábrica de tabaco. Há motivos para supor que a família Englhofer tenha alguma ligação com a sra. Ana Engel, fundadora, mais tarde, de uma Escola Particular em Graz (1820).

O nascimento do pequeno José custara a vida da mãe. Ela falecera no dia 4 de outubro de 1815, vítima de "febre muito forte". Este último filho, por sua vez, devia, bem cedo, seguir a mãe para a eternidade. José faleceu de tísica, em Fürstenfeld, no dia 4 de outubro de 1830, precisamente 15 anos após a morte da mãe.

No dia 6 de agosto de 1817, os oito pequenos órfãos iam receber uma outra mãe (madrasta) na pessoa de Josefa Müliner, de 24 anos, filha de um arrendatário de Wisseneck. Os parentes dela, por sua vez, provavelmente um tio ou irmão, eram arrendatários da fazenda Thalerhof, perto de Graz.

Deste segundo matrimônio de Antônio Lampel nasceram três filhos: Alexandre, nascido em 15 de janeiro de 1819; Philipina, nascida em 30 de março de 1820 e, Antônio, nascido em 1821, já depois da morte do pai, pois, aos 2 de março de 1821, os filhos perderam o pai pela morte.



Com apenas 44 anos de idade fora arrebatado da vida, provavelmente pela tísica. A Crônica paroquial fala de "acesso de tosse" (Schleimschlag). A jovem viúva, de apenas 28 anos e com 11 filhos para cuidar, provavelmente terá ficado, por então, em Fürstenfeld. Pois o menino José faleceu, como já dissemos, em Fürstenfeld mesmo, em 1830, e fora sepultado ali. Nos anos seguintes encontramos quatro dos irmãos Lampel em Graz. Antônia e Amália, mais tarde também Philipina, tiveram atividade na Escola Particular, mantida por Ana Engel, na rua Neuthorgasse. Após a morte da fundadora desta Escola, quem assumia a direção era Amália e não Antônia, embora fosse mais velha.

Julgamos notável esse pormenor interessante do caráter de Antônia. Esclarece algo de sua conduta mais tarde. O irmão Heriberto instalara-se numa tipografia de Jungferngasse.

Todos os filhos de Antônio Lampel tiveram educação esmerada. Além das matérias comuns, como ler, escrever, aritmética e religião, também fazia parte da formação das meninas o ensino de línguas estrangeiras. A arte culinária, por sua vez, devia ser aprendida, bem como os demais afazeres próprios de meninas. Antônia possuía excelente formação. Falava francês e italiano "como se fosse alemão", entendia de pintura e música e, em particular, de trabalhos finos de agulha. Philipina notabilizara-se como professora de música.

Não obstante estas qualidades todas, era prudente, cheia de boas idéias. Antônia permanecia tímida. Faltava-lhe um quê de autoritária. Preferia obedecer, mais do que mandar. Assim colocou ela em primeiro plano a sua irmã Amália, três anos mais nova do que ela. Contudo, não padece dúvida que, mesmo sob a direção de Amália, fôra Antônia a alma da Escola.

Ajudadas por algumas companheiras, as irmãs Lampel conseguiram levar a notável nível sua escola. Ainda mais: não fizeram de suas companheiras apenas boas professoras e educadoras, mas souberam também atraí-las à uma vida piedosa. Todo grupo se filiara à Ordem III de São Francisco, pondo, com ardor, em prática, o ideal do Patriarca, em particular, seu amor à pobreza.

Durante a era Josefinista, todas as Associações e Irmandades Religiosas se dissolveram, ficando apenas alguns núcleos da Ordem III, principalmente lá, onde havia Franciscanos. Quando em 1827 corria o boato de uma possível supressão também da Ordem III, D. Zängerle tomou defesa decidida da mesma. Numa petição dirigida ao Monarca expôs a necessidade de deixar ao povo simples a possibilidade de dar vazão à sua vida religiosa dentro de moldes corretos. Do contrário,





**Graz - 1830**



**ESCOLA ANNA ENGEL**  
**Neuthorgasse - Graz (O Berço da Fundação-Centro)**



haveria perigo de ele se associar às seitas ou a outros espíritos exaltados. Em seguida, o Imperador permitiu a continuação da Ordem III no Tirol e na Estíria, "enquanto isso for de utilidade".

As irmãs Lampel, bem cedo, deviam ter entrado na O. III, visto que Antônia, em 1841, opinou de pertencer a ela há muitos anos. E tomaram o assunto a sério, bem mais a sério do que o comum dos terciários. Antes de tudo estimaram a pobreza franciscana. Elas, embora provenientes da "burguesia bem situada", põem a serviço das "camadas inferiores" seus talentos e sua boa vontade. As suas companheiras foram igualmente atraídas para o ideal franciscano. Com elas levaram vida em comum, que, - segundo afirmam - se igualava, no essencial, à vida das Irmãs Regulares. Contentam-se com o necessário para seu sustento e vivem em espaço apertado para poderem dar abrigo gratuito a meninas pobres. Mesmo num convento pequeno aceitam crianças indigentes sem exigir remuneração. Na escola, não poucas vezes, o número de alunas gratuitas superava as demais. Destarte seu amor à pobreza tinha um cunho social, como aliás toda a sua atividade visava o terreno social ou apostólico. Não procuravam a perfeição pessoal isoladamente, mas queriam servir, estar a serviço de Deus pela Igreja e os homens.

Mencionamos anteriormente que a diocese de Seckau, depois de 11 anos de vacância, recebera novo bispo, em 1823. A longa vacância, mais ainda o espírito do Josefinismo, no qual o clero se formara, fizeram com que D. Zängerle encontrasse a diocese em má situação. Porém, não desanimou. Logo pôs mãos à obra para elevar a vida cristã decaída, levando-a à florescência. Começou, antes de mais nada, a reanimar o bom espírito nos poucos conventos ainda existentes. Havia ainda Cistercienses, Beneditinos, Franciscanos e Capuchinhos. E o zeloso Bispo, ele mesmo bom religioso, achou bastante coisas para melhorar neles. Ciente do grande papel das Ordens Cristãs para o soerguimento do espírito de fé, chamou outras de fora como os Jesuítas, Redentoristas e Carmelitas.

Também as Ordens Femininas deviam prestar-lhe auxílio. Elas, antes de tudo, eram capazes de reconduzir o povo simples a Deus, mediante o exercício da Caridade cristã. Em Munique ele conhecera o trabalho benéfico das Irmãs de Caridade. Queria tê-las em Graz e pediu Irmãs para o "Bürgerhospital". O Instituto de Munique, porém, não estava ainda em condições de ceder irmãs. D. Zängerle não desanimou. Foi procurar moças jovens - se dizia então - com vocação para tanto. Duas delas mandou, sem mais nem menos, para Munique, para



aí fazerem seu noviciado, devendo regressar para sua cidade natal, tão logo tivessem completado sua formação como Irmãs de Caridade (Vicentinas). Tal se deu em 24 de abril de 1841.

Além do interesse pelos doentes e velhos, o zeloso Bispo começou agora a dedicar-se às escolas, em particular à formação das moças. O que visava era o soerguimento da família cristã. E isto, dependia em primeira linha, da mulher, da mãe de família. Delas as crianças aprendem, como sendo a melhor professora, o profundo respeito diante de Deus. Do contrário, jamais o aprenderão. Daí seu empenho em dar formação cristã às moças. Era de opinião que as Religiosas eram mais qualificadas para tanto. Já existia em Graz um Pensionato das Irmãs Ursulinas. Devido, porém, à clausura rigorosa, achava-se bastante isolado do ambiente e não correspondia às necessidades, visto que só um pequeno número podia ser aceito. Além disso, estava o pensionato ligado à uma Escola Particular, acessível somente às filhas de pais mais bem situados. O amigo de D. Zängerle, Sebastião Jobst, tinha, por sua vez, fundado uma Congregação de Irmãs, já havia anos. A finalidade era a mesma: a educação cristã das meninas. (A bem falar, não foi propriamente uma nova fundação, mas antes, uma nova instalação em solo alemão das irmãs de Notre-Dame, da França). D. Zängerle ajudou este Instituto das Irmãs Pobres de Notre-Dame com meios financeiros, todos os anos, esperando atraí-las para a sua Diocese. Contudo, a situação das Irmãs era a mesma das Ursulinas: o Instituto era ainda novo e frágil, não podendo ceder Irmãs no momento.

Então o Bispo cogitou a fazer o que fez com as Irmãs de Caridade: ia mandar jovens para o noviciado de Munique, para retornarem a Graz, findo o período de formação. Pondo-se à procura de pessoal idôneo, deu, quase espontaneamente, com as Irmãs Lampel, da rua Neuthor. Amália não demorou em aceitar a resolução proposta de pôr-se a caminho de Munique com outra companheira. Partiram no outono de 1840, com a finalidade de entrar como postulantes do Instituto das Irmãs de Notre-Dame.

Não sabemos, se elas, na viagem, pouco cômoda então, pegaram um resfriado, ou, se não se adaptaram ao clima e a mudança de ambiente. O fato é que, ambas, depois de três meses, tiveram que voltar, adoentadas. Amália teve que lamentar a perda destas boas colaboradoras. E ela mesma não se refez mais do abalo, que sua saúde sofrera, vindo a sucumbir à doença, na próxima primavera (1841).

Na ausência de Amália, sua irmã Antônia dirigia a escola,



assumindo, em definitivo, a direção, após a morte da irmã. O Bispo viu seu plano frustrado. Porém, Antônia, sempre silenciosa, sempre à disposição, quando dela precisavam, tomara a si o interesse, a seu modo, da irmã mais nova. Ninguém mais do pequeno grupo tinha coragem de viajar para Munique. Mas, para quê? Não eram já bastante numerosas? Seis jovens, filhas entusiasmadas de São Francisco, não tinham, afinal, já vivido, há anos, uma vida religiosa? Faltava apenas a aprovação eclesiástica, e formariam um convento em regra: haviam de morar juntas, rezar juntas e trabalhar unidas pelo mesmo ideal, apenas com ainda mais desinteresse terreno, maior fervor, prestando em tudo sincero culto a Deus.

Antônia, já o frisamos, tinha boa inteligência; era devotada à sua causa e, ponderada. Ela, a silenciosa, sempre preferindo sujeitar-se aos outros, cobrou agora coragem, saindo de seu retraimento. Dirige-se ao Bispo, para lhe expôr seu plano. Sem dúvida, ela faz em nome de todas. Todas elas, em número de seis, pretendem levar vida religiosa, aprovada pela Igreja, seguindo a Regra da Ordem III, à qual todas pertencem desde muito tempo.

O seguinte requerimento constitui a "Magna Charta" da Congregação e, por isso, merece ser citado na íntegra:

*Magna Carta:*

*Exmo. e Revmo. Sr. Bispo-Príncipe:*

*A abaixo assinada, Diretora da uma Escola para Meninas, em Graz vem respeitosamente à V. presença, juntamente com suas auxiliares, para manifestar seu desejo de fundar um Instituto Religioso, destinado ao ensino e à educação da Juventude Feminina. Confiantes na Vossa benevolência, solicitamos o devido consentimento de V. Excia., e Vosso valioso apoio junto às Autoridades Civis.*

*As abaixo assinadas pedem licença para expor sucintamente à V. Excia. as razões que as nortearam e os motivos que as levaram à realização de seu projeto, indicando também a maneira e o modo prático que pretendem observar, com a ajuda de Deus, na execução de seu plano.*

*I. A suplicante principal, desde há muito tempo, dedicou-se de corpo e alma à bela tarefa da educação da juventude, e é, atualmente, proprietária daquela Escola Particular para Meninas. Anteriormente*



regia a mencionada escola sua irmã, falecida na última primavera, de nome Amália Lampel, a qual, por sua vez, fora precedida pela excelente educadora Anna Engel. Certamente V. Excia. sabe dos grandes merecimentos em prol da Juventude Feminina, por parte destas duas senhoras (que agora descansam na paz de Deus).

Também a opinião pública está ciente disso, admirando a dedicação cristã das mesmas na sua difícil tarefa, sempre alheias à qualquer ganância. Com fé e zelo prudente levaram elas o indicado Instituto à grande florescência, não lhes faltando a bênção do alto. Eu, e as demais requerentes, estamos resolvidas a manter a Escola à idêntica altura. Tenho a felicidade de contar para este fim com a ajuda de várias Companheiras, de boa formação e piedade, todas imbuidas de idealismo e desejosas de, por amor a Deus, dedicar-se à educação da mocidade. Essa União de ideais e propósitos, durante vários anos, se patenteiam felizmente, desde que, comigo, colaboraram para o mesmo fim, unidas pelos laços de amizade cristã. Surgiu daí, nelas, o desejo sincero de união maior e mais profícua, mediante os laços sagrados de uma Vida Religiosa em comum.

II. As razões principais sobre as quais se funda nossa petição são as seguintes:

1) É a experiência universal que as forças unidas obtém maiores resultados, mormente quando esta união se baseia em Deus, a cujo serviço, pelo bem da humanidade, alguém se consagra - pospondo a própria vontade, deixando de lado interesses materiais, renunciando a apegos humanos e situações que, não raro, destroem ou retardam os mais nobres empreendimentos. Por isso, em todo o tempo, as Comunidades de Religiosas fizeram algo de grande e admirável, visando o bem comum, qual seja: o desvêlo pelos doentes, o ensino etc...

O próprio Poder Civil não desconheceu tais benemerências, cofiando, até em nossos dias, o ensino da Juventude Feminina, em não poucas cidades, e com grande vantagem, à Ordem das Ursulinas, das Beneditinas, do Instituto das Damas Inglesas etc...

2) Tal união se torna tanto necessária quanto maiores forem as dificuldades inerentes à profissão, o que, sem dúvida, vale com referência à profissão educacional e pedagógica. O dispêndio de energias físicas e espirituais, as múltiplas preocupações e dificuldades próprias ao ensino, exigem (quase) total união de forças, em particular



por tratar-se de jovens, para que as educadoras tenham um apoio mútuo na comunhão fraterna, fundada na religião. Terão igualmente incentivo e consolo, como também o necessário amparo na doença e na idade avançada. Não poucas jovens (como demonstra a experiência) desistiram da profissão de educadora, embora tivessem capacidade e gosto, simplesmente pelo fato de não terem o futuro garantido, estando sozinhas e isoladas.

3) A própria formação da Juventude se beneficia grandemente por esta união das educadoras. Em virtude desta colaboração, as professoras possuem melhores condições para um aprimoramento ulterior em matéria de ensino e pedagogia, seus conhecimentos serão ampliados e as experiências enriquecidas pelo intercâmbio pessoal. Unidas assim, maiores possibilidades terão para administrar ensino mais variado, mesmo a grande número de alunas, com menos gastos financeiros. A vigilância exata será melhor, levando-as a uma vida virtuosa, sendo educadoras na própria força da palavra.

Outra vantagem, resultante desta união, será a possibilidade de um recrutamento maior de candidatas competentes para o ensino, imbuídas de idêntico espírito ao dos antepassados, no que se refere à administração do Instituto. Somente desta maneira (assim o julgam as suplicantes) haverá esperança efetiva de manter para sempre, à altura, uma escola bem organizada, visto que o corpo docente não desaparece, mas continuamente se renova e revigora.

Tais motivos, na humilde opinião das requerentes, justificariam a ousadia do nosso pedido perante V. Excia., nosso Superior, dado por Deus a esta província Eclesiástica, como também perante altas e altíssimas Autoridades Civis. Esperamos que o Governo Provincial da Estíria, sabendo avaliar com justiça as vantagens de Institutos Religiosos (como é provado pela recente admissão, para júbilo de todos, das Irmãs de Caridade de Graz), demonstre semelhante atitude benevolente em relação ao projeto da Fundação de similar Comunidade para o ensino pois, de boa formação e educação da Juventude Feminina, depende o futuro das mães cristãs e de competentes donas de casa, bem como a constituição sadia, em geral, das futuras famílias.

III. Não temos dúvidas de sermos atendidas benevolmente, visto que a maneira e o modo de fundar esta Comunidade Religiosa é simples e já está no conhecimento de todos, existindo mesmo tais empreendimentos em diversos lugares da Monarquia Austríaca, com



---

*aprovação das Autoridades Eclesiásticas e Civis. As senhoras abaixo assinadas sentem-se impelidas por Deus a tomar por fundamento de sua agremiação a Terceira Regra do Seráfico São Francisco. Elas já conhecem, e por própria iniciativa já observaram esta Regra que, de per si, é destinada aos leigos, que vivem no bulício do mundo. Tal Regra também, de forma alguma, se opõe à profissão prática de Educadoras, como de própria experiência sabemos e como o prova a existência de várias Comunidades de Terciárias, haja visto em Hallein, na região de Salzburgo, em Hall, em Bozen e Kaltern, no Tirol. Essas Religiosas são conhecidas como Irmãs Regulares (Regelschwestern), e seus merecimentos em prol da Juventude estudantil foram devidamente reconhecidas pelo Poder Público (mormente pelo Governo do Tirol). Tomando por modelo esta Instituição, já existente e aprovada pela Monarquia, esperam as abaixo mencionadas requerentes, obter igualmente o apoio e a confiança das Autoridades Eclesiásticas e Civis.*

*Quanto à estrutura básica da citada Instituição, em particular, no que se refere à Vida Comum, ao raio de ação e às relações com as Autoridades Eclesiásticas e Civis, as Irmãs Regulares, tais como existem no Tirol, se atêm aos seguintes pontos, que formam a base dos seus Estatutos:*

*a) Não se trata de uma Ordem com votos solenes e indissolúveis. Antes, é uma Congregação religiosa, destinada à educação e ao ensino da Mocidade Feminina, tendo apenas formulado votos simples de pobreza (à maneira das Irmãs de Caridade), castidade e obediência, manifestando assim perante Deus e à Igreja, sua vontade sincera de viver em comum, de acordo com a Regra e os Estatutos da Comunidade. Isso, porém, não impede um eventual retorno ao século, ou uma demissão, caso necessária.*

*b) Não assumem compromisso do habitual Ofício público em Côro, mas praticam outros exercícios religiosos, menos absorventes, para terem mais tempo e força para as tarefas de professoras e educadoras.*

*c) Na própria Casa observam uma espécie de Clausura, a bem da boa ordem e do decôro religioso. Porém isso não implica proibição de sair, acompanhadas por outra Irmã e com a devida licença, sempre que algum negócio relacionado à sua profissão ou outro motivo razoável o exigir.*

*d) Seu modo de vestir será simples e uniforme, de acordo com*



a vida comunitária. Contudo, não usarão propriamente hábito religioso, mas outra vestimenta simples consoante o uso de pessoas honestas do mundo.

e) A pobreza que elas prometem pela profissão significa que, enquanto viverem na Comunidade, entreguem seus haveres que trouxeram ou esperam receber, nas mãos da Comunidade. Esta, por sua vez, administrará estes bens, encarregando-se do sustento honesto de cada membro, evitando, porém, todo luxo. Cada Irmã, contudo, retém o seu direito de propriedade. Por isso poderá, enquanto viver, aceitar doações e heranças, e, no caso de sua saída da Comunidade, poderá levar seus bens integralmente, podendo fazer testamento para depois da morte.

f) As Irmãs Regulares não fazem nenhuma exigência relativa ao sustento por parte de um fundo público. Mas viverão das entradas de seu Patrimônio (visto que as Irmãs, ao entrar, tudo entregaram à administração da Comunidade) e também das contribuições (aliás moderadas) para ensino e sustento, pagas, como até agora, pelas alunas e educandas, às signatárias deste documento. Até julgam possível, dada sua vida simples e sacrificada, poder aceitar gratuitamente várias meninas, quer para a escola, quer para o Convento, o que, aliás, já há vários anos, conseguiram fazer prazerosamente.

g) As matérias didáticas e tarefas femininas, ensinadas atualmente pelas abaixo assinadas, e que são do conhecimento da Autoridade Eclesiástica e Civil, serão mantidas também pelas Irmãs Regulares, que tomarão muito a peito não apenas o ensino, mas antes a educação e formação da mocidade.

h) No que se refere ao plano didático, aos livros escolares, à ordem de exames, bem como às disposições legais sobre a formação e contratação de professoras, as Irmãs Regulares se sujeitam às determinações do Regulamento político sobre Escolas, como o fazem também as Rev. Irmãs Ursulinas.

i) Quanto ao regime religioso, submetem-se as Irmãs Regulares, confiantes e obedientes, ao Ordinariato Episcopal e elas pedem a V. Excia., Sr. Bispo-Príncipe, de tomar sob seus cuidados paternais seus interesses religiosos, como seja a provisão de um capelão, a



*execução das eleições de Superiora, como em geral, tudo o que julgar bom e necessário ordenar para o perfeito funcionamento do novo Instituto.*

*Com isso as signatárias deste pedido julgam ter suficientemente exposto a questão em pauta. Seu desejo é viver numa Comunidade religiosa, com o fim de praticar o espírito de humildade e renúncia segundo a Regra da Ordem III de São Francisco, dedicando-se à tarefa de formação da Mocidade, conseguindo com isto sua própria santificação e o fomento do Bem Comum. Em espírito de humilde submissão à Jurisdição do Revmo. Sr. Bispo e acatando as leis civis, elas prometem empenhar-se alegremente e com todas as forças à promoção do Bem da Igreja e do Estado. Finalizando, pedem à V. Excia., e, m vista do seu interesse demonstrado e da paterna solitudine em face dos Institutos Religiosos de sua Diocese, queiram também dedicar sua benévola atenção a esta nova plantinha. Queira outrossim conceder às humildes suplicantes sua bênção episcopal. Nas suas orações elas não esquecerão de agradecer tão sublime graça.*

*De V. Excia. Revma.*

*Servas submissas, obedientes e gratas em Cristo:*

*Antónia Lampel*

*Professora e proprietária de uma escola particular para Meninas, nesta cidade (Neuthorgasse N. 395)*

*Amália Stieber, auxiliar.*

*Philippine Lampel, auxiliar.*

*Maria Schwarzl, auxiliar.*

*Ernestine Jautz, auxiliar.*

*Graz, 27 de setembro de 1841.*